

PERCEBER O VISÍVEL PARA SE CONECTAR AO INVISÍVEL: A MUSEALIDADE NO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS

JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM¹; DIEGO LEMOS RIBEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – josepbrahm@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O ato de colecionar objetos está intrinsecamente vinculado à formação dos museus no Ocidente. Mas quais seriam os dispositivos sociais e cognitivos que motivam esse ato? Partimos da premissa de que a atribuição de valores e a recolha de objetos está vinculada a musealidade, que redundando no deslocamento de olhares sobre as coisas que nos cercam (a cultura material), conferindo novos estratos de sentido e significado e cujo objetivo final seria a preservação de memórias (BRUNO, 2006).

Baseado na ideia apresentada, o presente texto é inspirado nos dados da dissertação que está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa tem como objetivo principal analisar a percepção museal do público que visita as exposições do Museu Gruppelli, bem como seu potencial de evocar memórias e forjar identidades.

O referido Museu, que serve como pano de fundo dessa pesquisa, está situado na zona rural da cidade de Pelotas/RS, local que se denomina Colônia Municipal. Foi criado em 1998, pela iniciativa da comunidade local, que buscava um espaço para preservar suas histórias e memórias. O acervo do Museu é dividido em várias tipologias (esporte, doméstico, impressos, trabalho rural e trabalho específico) e se apresenta como “um espaço de exposição e guarda de objetos que traduzem a ‘vida na colônia’, ou seja, as dinâmicas sociais de uma comunidade identificada pelas origens e trajetória imigrante.” (FERREIRA, GASTAUD, RIBEIRO, 2013, p. 58).

Ancorado em nosso objetivo, buscaremos responder as seguintes indagações: o público que visita o Museu Gruppelli e suas exposições o reconhece como um espaço propício de evocação de memórias e de afirmação identitária? Quais memórias os objetos expostos evocam: individual, partilhada ou ambas? Quais são as conexões que as pessoas criam ao observarem os objetos expostos?

Acreditamos que a pesquisa, ora apresentada, está no cerne das discussões que tangenciam a memória social e o patrimônio cultural, por lançar luz sobre a forma como as pessoas se apropriam, significam e usam o patrimônio, de sorte a afirmar (ou contestar) suas identidades. Do mesmo modo, interessa, igualmente, ao campo dos museus, por buscar compreender como o público que visita o Museu Gruppelli percebe e se relaciona com os bens patrimoniais acautelados no espaço expositivo, tendo como referência o conceito de musealidade – conceito esse que é reconhecido como um dos principais objetos de estudo da Museologia. Desta feita, intentamos, com esse estudo, igualmente, solidificar e criar novas pontes disciplinares entre as áreas (memória, patrimônio e museu).

Cumpramos ressaltar que a Museologia, enquanto disciplina, flerta com a memória e o patrimônio de forma mais efetiva contemporaneamente. Segundo

BRUNO (1996), a Museologia se debruça sobre dois movimentos convergentes: identificar e analisar o comportamento individual e coletivo frente ao seu patrimônio; e desenvolver processos técnicos e científicos para que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e contribua para o fortalecimento das identidades.

2. METODOLOGIA

As técnicas de coleta de material para a realização da pesquisa foram pensados através de entrevista semi-estruturada, por meio de uma conversa de finalidade, abordando questões abertas e fechadas (CRUZ NETO, 1994). Para o mesmo autor, essa ferramenta possibilita “uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informação sobre um determinado tema científico.” (CRUZ NETO, 1994, p. 57). As entrevistas foram aplicadas ao público frequentador do Museu, tanto o morador da zona rural, como da zona urbana, durante a visita.

Por esse caminho, percebemos que o trabalho memorial é facilitado pela expressão física dos objetos, neste caso a foice e a carroça, que servem como gatilhos para evocação de memórias, ao mesmo tempo em que potencializam as conexões com realidades ausentes e com outros objetos – presentes ou não na exposição.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram aplicadas 100 entrevistas no Museu, no período de maio a setembro de 2015. Os visitantes foram convidados, pelo pesquisador, de forma aleatória, a participarem da pesquisa, após terem concluído a visita. Já outros entrevistados foram convidados quando o pesquisador percebia o interesse dos visitantes pelos objetos expostos.

Indagados se a carroça lhes trazia alguma lembrança ao ser observado, 83 pessoas disseram que sim. Entre as memórias evocadas pelos entrevistados podemos citar a utilização da carroça pelos próprios ou por outras pessoas, geralmente da própria família. Eles lembram que a carroça era utilizada para carregar lenha, os alimentos colhidos no campo (batata, cebola, abóbora, pêssego, feijão, pasto, trigo, milho) para casa, e, em alguns casos, um objeto lúdico, para fins de passeio, seja para visitar familiares, para buscar frutas, ir aos bailes, tomar banho de arroio, ou mesmo a utilizavam para o deslocamento de casa até a parada de ônibus mais próxima, para irem ao médico, aos jogos de futebol, à igreja, para fazerem compras na cidade. Lembram, também, de verem a utilização da carroça em filmes.

Quando perguntadas se a foice lhes trazia alguma lembrança ao ser observada, 76 pessoas disseram que sim. Entre as memórias evocadas pelos entrevistados podemos citar a utilização da foice pelos próprios ou por outras pessoas, geralmente da própria família. Eles lembram que o objeto era utilizado para o uso no campo, para o corte e colheita de pasto, soja, macega, trigo, arroz, alfafa, azevem, milho, aveia, para alimentar os animais que tinham em casa, como porco, vaca, galinha, cavalo, coelho. Lembram, ainda, de que a foice era utilizada para cortar alimentos para fins de produção/venda ou consumo próprio. As memórias oscilam entre o saudosismo, por não ser mais utilizada, e uma memória negativa, por indicar uma vida difícil no campo. Podemos citar a menção

dos entrevistados à foice como a um objeto que lembra a infância, um objeto perigoso e que foi visto em filmes de terror.

Verificamos que os objetos (carroça e foice) funcionam como semióforos, que segundo POMIAN (1997) funcionariam como dispositivos que conectam o visível ao invisível. Ao serem observados pelo viés da musealidade, os objetos criam conexões com o ausente; convocam ao presente o passado e tecem em uma mesma rede pessoas, objetos, lugares e tempos difusos.

A importância dos objetos musealizados do Museu Gruppelli não está somente na materialidade, mas em suas camadas invisíveis, as quais possibilitaram, aos entrevistados, a partir do olhar patrimonial, trazerem o invisível ao visível. Os objetos são, nesse contexto, testemunhos de um passado, de uma história que ajudam a (re)construir memórias e (re)construir identidades. Isso porque os objetos possibilitam que os sujeitos “percebam e experimentem subjetivamente suas posições e identidades como algo tão real e concreto quanto os objetos que os simbolizam” (GONÇALVES, 2007, p. 21).

Na mesma direção de POMIAN (1997), podemos referir igualmente ao caráter elástico da memória, que “pode mover o que há de mais próximo até uma distância indeterminada e trazer o que está distante até muito próximo, às vezes próximo demais” (ASSMANN, 2011, p 359). Já que, como mencionado acima, ao observar, os objetos expostos, principalmente a foice e carroça, os entrevistados criaram conexões entre o visível e o invisível. Em outras palavras, os objetos observados no cenário do Museu estudado, servem, então, como conectores do espaço-tempo. Esse pensamento nos mostra, ainda, a flexibilidade do trabalho memorial, sempre em constante recriação e elaboração, como diz JELIN (2002). Ideia compartilhada por BOSI (2002) ao dizer que, “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (2002, p.107). E no instante em que as memórias são trabalhadas, tendo o museu como cenário, os objetos servem de moldura para a construção das identidades.

Podemos afirmar por esse ponto de vista que os objetos estão inseridos aos quadros sociais da memória, conceito esse sistematizado pelo autor HALLBWACHS (1976) quando afirma que a memória social modula a nossa memória individual. “A representação das coisas evocadas pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada as mesmas coisas (HALBWACHS, 1990, p. 61).

O autor trabalha o conceito de quadros sociais da memória, que seriam as influências externas, sociais que sofremos, como a linguagem, família, religião, tempo e espaço, na qual estamos inseridos, que contribuem para a fixação de lembranças em nossa memória. Segundo o autor, o espaço exerce uma das mais importantes etapas de fixação das lembranças, porque o sujeito não consegue reconstruir suas memórias se não estiverem vinculados a determinado ambiente. (HALBWACHS, 1976).

Vemos assim que os objetos, no contexto estudado, são responsáveis por contribuírem para a consolidação de lembranças e para a afirmação das identidades do sujeito. Uma vez que memória e identidade estão indissolúvelmente ligadas e não podem sere pensadas separadamente, conforme afirma CANDAU (2014).

4. CONCLUSÕES

De modo geral, a pesquisa apontou para o fato de que os objetos são responsáveis por ajudarem os entrevistados a afirmarem identidades e evocarem memórias individuais e/ou coletivas, tanto pelo contato direto ou indireto que tiveram com os mesmos.

Vimos, ainda, que a musealidade possibilitou que os entrevistados percebessem os objetos pertencentes ao acervo do espaço muito além de sua materialidade. Em que serviram como mediadores na criação de pontes e conexões entre tempos, espaços, mundos e pessoas próximas e distantes, trazendo o que está longe para perto, a morte para a vida, o ausente para o presente, o que estava no vácuo do esquecimento para a luz das recordações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2011. 317-366p.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRUNO, M. C. O. Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. In: **As várias faces do Patrimônio, por LEPA**. Santa Maria: LEPA/UFSM, 2006.

BRUNO, M. C. O. Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar. In: **Cadernos de Sociomuseologia**, Centro de Estudos de sociomuseologia. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, n.9, 1996.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

FERREIRA, M. L. M.; GASTAUD, C; RIBEIRO, D. L. Memória e emoção patrimonial: Objetos e vozes num museu rural. **Museologia e Patrimônio**, v. 6, p. 57-74, 2013.

GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Mouton, 1976.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro, Vertice, 1990.

JELIN, E. **Los trabajos de la memoria**. España, Siglo Veintiuno editores, 2001.

CRUZ NETO, O. Trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

POMIAN, K. Coleção. In: Enciclopédia Einaudi, volume 1, **Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.